

POR DENTRO DO THEATRO MUNICIPAL

Revista de Comunicação Interna



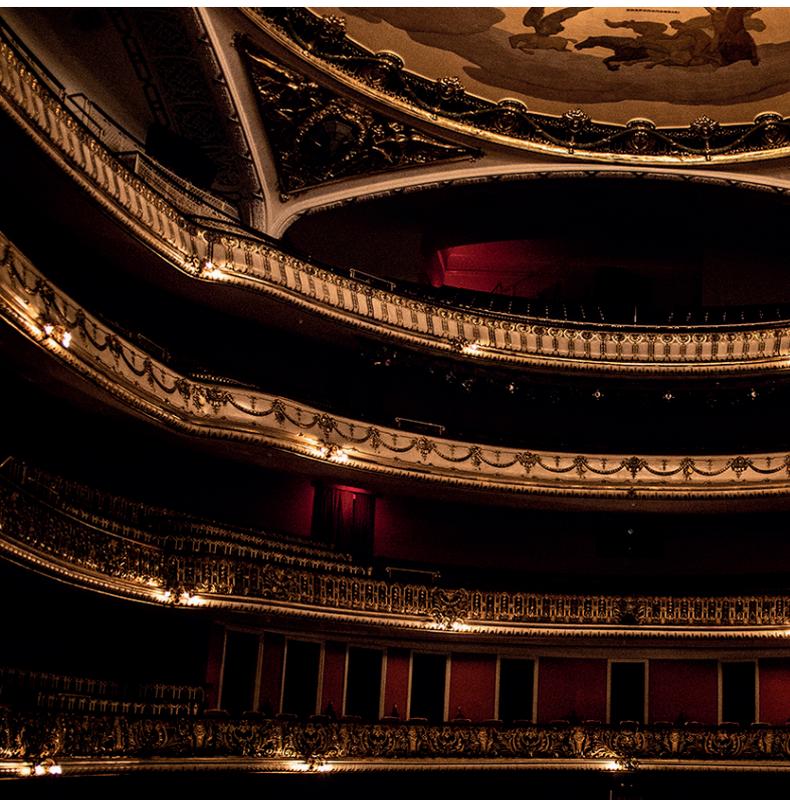
Foto: Stig de Lavor

EDIÇÃO 01 – FEV 2023

COMPLEXO TMSP

- 3** Notícias
- 4** Entrevista
- 9** Informes
- 10** RH e Você!
- 11** Programação

NOTÍCIAS



Em 2023, aumentamos 50% o número de assinaturas!

A equipe de Parcerias e Novos Negócios está em festa!

Esse ano, tivemos um aumento de 50% nas assinaturas e 40% no número de assinantes. São 940 Assinantes com 2294 Assinaturas.

As séries que mais venderam foram as Séries de Óperas. Os concertos sinfônicos tiveram ótima procura e demos a partida para a fidelização dos assinantes do Quarteto de Cordas e do BCSP. Também estão previstos benefícios e ações exclusivas para os Assinantes ao logo da Temporada 2023.



Primeiro concerto do ano foi um sucesso de público!

A temporada de 2023 começou linda! O *Concerto de Verão*, apresentado pela OSM, com participação especial de Guido Sant'Anna, violinista prodígio brasileiro de apenas 17 anos, teve sucesso de público. A estreia do concerto, no dia 25/01, aniversário de São Paulo, teve uma taxa de 84% de público presente, com aproximadamente 1250 pessoas presentes na nossa Casa.

MUNICIPAL ENTREVISTA ROSA CASALLI



Foto: Stig de Lavor

Rosa Casalli é sinônimo de produção executiva. Depois de produzir dezenas de peças entre as décadas de 1980 e 1990 por todo o Brasil, em 2001 trouxe sua expertise para a produção de óperas no Theatro Municipal. A motivação para ingressar no ofício veio de uma tutora especial: a atriz e diretora Ruth Escobar. Hoje, focada na central cenotécnica, ela conta um pouco de sua jornada.

Como você ingressou no Theatro Municipal?

Eu entrei no Municipal em 2001 ou 2002, chamada pela Lúcia Camargo. Ela tinha acabado de assumir a direção executiva do Theatro, me conhecia de diversos trabalhos fora. Comecei na cenotécnica, com a Lúgia Ferreira, e fui acompanhando algumas produções, dando uma assistência para também poder entender como funcionavam as coisas aqui. A primeira ópera que fiz foi Falstaff, em 2003. Em 2004, a Lúcia foi embora e o maestro Jamil Maluf, que assumiu, me chamou. E fiquei direto. Trabalhei como assistente de produção, produtora assistente, produtora, coordenadora de produção. Em 2013, Cris Santos, diretora

de produção do maestro John Neschling na época, fala para eu fazer os eventos da casa, com os quais fiquei até 2018. Quando entrou o Hugo Possolo, saí desse trabalho. Andrea Caruso Saturnino me chamou para o Galpão, um lugar que amo muito porque tem um trabalho de bolsistas maravilhoso, com dez jovens dispostos a aprender o ofício da cenotecnia com o Pelé. Mais da metade do Theatro não imagina a joia que a gente tem, mas eu, que trabalho há 45 anos com teatro e já conheci várias centrais de produção do Brasil, posso dizer: nenhuma se iguala à nossa porque, além de tudo, temos espaço. É um trabalho que me deu uma felicidade que agora eu penso: já posso sair do Theatro porque já passei por tudo. [ri]



O que faz um produtor executivo? E na cenotécnica?

Tenho 45 anos de profissão e até hoje não sei dizer bem o que faz uma produtora executiva. No início foi Ruth Escobar que me ensinou. Ela me disse que a gente faz o que precisa ser feito no momento. Eu acho que a gente realiza sonhos das pessoas, desde aquele que desenhou o cenário, desenhou a luz, até o cara que criou o figurino. É sempre uma busca pela melhor concepção artística. A gente tenta dar condições, psicológicas principalmente, para o que

foi idealizado e entregar o trabalho. Eu fico muito emocionada em estreias. Pode ser que tenha faltado algo, nunca fica totalmente a contento porque depende de muita coisa: verba, sorte e ocasião. Por outro lado, no meu modo de ver, um produtor tem de ser invisível. Se ele aparece muito, tem algo errado. São muitos processos, mas o mais importante é fazer dar certo. Quando termina o trabalho, eu estou esgotada, a produção como um todo está, mas nada melhor do que aqueles olhinhos felizes, pessoas se abraçando. Isso me dá a maior felicidade.

O que mudou na sua profissão nesses anos todos?

Eu acho que sou uma produtora executiva até ultrapassada. Vejo as novas gerações bastante atentas a orçamento, tabelas, e deixam de participar da coisa mais bonita, que é a criação. Quando eu entrei no Theatro eu fazia orçamentos, claro, mas fazia três meses antes de começarem os ensaios. Quando começavam, eu ficava todos os dias no ensaio e ficava atenta a como poderíamos mudar isso. Éramos duas produtoras exatamente para isso: quando uma estava no palco, a outra estava produzindo. No primeiro dia de ensaio você está ali e entende por que está sofrendo ou por que conseguirá ou não realizar algo.

Como foi sua aproximação com Ruth Escobar?

Um amigo me falou que ela estava montando a Revista do Henfil e me indicou. Eu fui conversar e me deparei com Débora Annenberg, uma grande produtora da época [mãe da jornalista Sandra Annenberg]. Elas me ensinaram sem me ensinar, num carro, com uma lista na mão. Na época eu trabalhava com pesquisa de mercado, bem mais rentável. Mas a Ruth quis me chamar, foi do nada. Eu sempre a chamei de “boadrasta”. Ela tinha vários filhos – de quem eu inclusive cuidei –, mas foi uma mãe para mim, mesmo não sendo o perfil da mãe convencional: ela era política, atuante, combativa, transformava qualquer espetáculo em um evento. Eu fui montar peças dentro do Carandiru com a Ruth. Fiquei uns quatro

anos com ela, foi uma faculdade. Depois viajei o país todo, cheguei a montar um Guimarães Rosa, com Cacá Carvalho, em Carajás, uma ópera do Gerald Thomas no Municipal, um espetáculo com o Norton Nascimento, também no Theatro. Trabalhar no Theatro Municipal nunca foi meu sonho, eu fui içada para o Theatro.

Qual foi sua montagem mais desafiadora?

Na carreira, acho que foi participar de Ubu Rei, do Cacá Rosset, no João Caetano, que virou um sucesso e ficou dez anos em cartaz. Envolvia circo, dança e adereços de cena feitos pela turma da Lina Bo Bardi. A figurinista era a Lina Bo Bardi. Você consegue imaginar uma jovem de 32 anos fazendo uma prova de figurino com ela? Nunca tive expectativa na minha carreira, mas fui muito feliz. No Municipal, fizemos um cantor de ópera cantando pendurado, espetáculo em que em cada récita era preciso colocar uma coxa de peru real em cena. Falstaff foi a primeira, mas tivemos muitos espetáculos maravilhosos.

Quais?

Há espetáculos que te marcam, mas o que mais me comoveu no Municipal eu não estava na produção. Foi uma Virada Cultural, há uns oito anos, em que vi alguns indígenas descendo a escadaria cantando e dançando. Quando vi aquela riqueza de teatro com os povos originários, me deu uma emoção! No Municipal, fizemos Colombo, com muito pouco di-



nheiro e todos os cantores brasileiros, o que mostrou que era possível fazer um sucesso 100% nacional aclamado pelo público. A peça em que tínhamos o voo no palco: eu via o Pelé todo dia olhando e planejando como fazer aquilo estar da forma mais segura possível. Eu passava por ele e dizia: “Gênio trabalhando”. Um cara que nasceu no Municipal – o pai dele era cenotécnico. Eu trabalhei com muitos filhos de outros profissionais. O cara que trabalha no palco não tem uma profissão, tem um ofício. Passa de geração para geração, tem toda uma cerimônia, um ritual.

O que o Theatro Municipal representa para você? E para a sociedade?

Foi no Theatro que perdi meu pai, minha mãe e tive um câncer. E, para mim, ele representa amor [se emociona enquanto conta], porque eu sempre tive profissionais maravilhosos junto comigo. Em nenhum momento fiquei sozinha. E não era só a equipe de produção. Colegas de todos os departamentos do Theatro me visitavam, me davam amor. Quanto mais careca e inchada eu ficava, mais amor eu recebia, a ponto de eu achar que estava, sim, bonita. Para a sociedade, eu acho que o Theatro é sonho. Já vi várias crianças dizendo: “Olha o castelo!”. Já convidei vendedores de lojas de tecido que vieram, nunca tinham visto uma ópera, e saíram alucinados. Eu acho que o Theatro é sonho, esperança, sofisticação, até uma certa elitização, mas que é importante para todos.

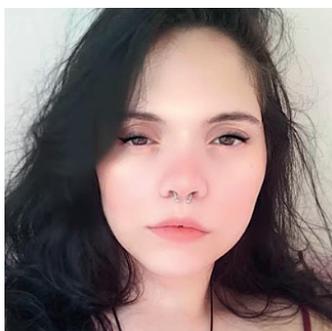


Parabéns aos aniversariantes de fevereiro, toda saúde e felicidades para vocês!

- 4 - Marli Nogueira Silva** - Formação, Acervo e Memória
- 6 - Luciano Goes Silveira** - Coro Lírico
- 6 - Igor Antunes Silva** - Formação, Acervo e Memória
- 6 - Elisabete Machado Soares dos Santos** - Comunicação
- 7 - Beatriz de Castro Ramos** - Comunicação
- 7 - Jessica Camille Wyatt** - Orquestra Sinfônica Municipal
- 7 - Monica de Souza** - Bilheteria
- 7 - Thais Vieira Gregório** - Coro Lírico
- 8 - Rogério Carvalho Martinez** - Orquestra Sinfônica Municipal
- 10 - Alexandre Bialecki** - Coro Lírico
- 12 - Antonio Adilson Carvalho Júnior** - Balé da Cidade de São Paulo
- 12 - Raquel Manoel de Castro** - Coral Paulistano
- 12 - Vanessa Mello de Sousa** - Coral Paulistano
- 12 - Fabiana Luzia Silva Ikehara** - Balé da Cidade de São Paulo
- 13 - Berenice Barreira** - Coro Lírico
- 13 - Raisal Ribeiro da Rocha Rei** - Infraestrutura e Patrimônio
- 15 - Jessica Brito Oliveira** - Financeiro
- 17 - Leticia Lopes da Silva** - Infraestrutura e Patrimônio
- 17 - Wellington Rebouças Guimarães Cruz** - Orquestra Sinfônica Municipal
- 19 - Magno Bissoli Siqueira** - Orquestra Sinfônica Municipal
- 22 - Carla Jacy Lopes** - Formação, Acervo e Memória
- 22 - Monique Marquezin Alves** - Parcerias e Negócios
- 23 - Francisco Xavier da Silva** - Coral Paulistano
- 25 - Laura Cibele Gouvea Cantero** - Produção
- 25 - Marta Dalila Mauler** - Coro Lírico
- 27 - Eduardo Dias Santana** - Programação
- 27 - Fábio Pinheiro** - Balé da Cidade de São Paulo
- 27 - Gustavo Quevedo Ramos** - Comunicação
- 28 - Guilherme Pires Rosa** - Coro Lírico

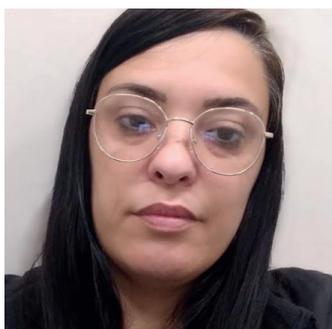
ANIVERSARIANTES DO MÊS

RH E VOCÊ!



Beatriz Souza Ferreira da Cunha é a mais nova Assistente de Patrimônio do CTMSP! Confira algumas das suas responsabilidades: Atuará na gestão do patrimônio histórico e arquitetônico dos edifícios do Theatro Municipal, Praça das Artes e Central Técnica, ajudará nas atividades de restauros, modificações, melhorias na acessibilidade universal e de melhorias gerais nas estruturas físicas dos edifícios.

→ **Você pode falar com Beatriz através do e-mail:**
beatriz.cunha@theatromunicipal.org.br



Janaina Aparecida Gomes Oliveira irá compor a equipe de Recursos Humanos como Analista Sênior! Confira algumas das suas responsabilidades: Ficar responsável pelo processo de recrutamento e seleção em todas as fases, desde a abertura e publicação da vaga, até a entrega de documentos. Fará a triagem dos currículos, seguindo as especificações de cada cargo, alinhando o perfil com a área solicitante. Realizará entrevistas para todos os cargos e quando necessário aplicará dinâmica de grupo. Fará a interface com gestores e áreas responsáveis na admissão de empregados. Validará, analisará e justificará os indicadores de recrutamento e seleção.

→ **Você pode falar com Janaina através do e-mail:**
janaina.oliveira@theatromunicipal.org.br



Juliane Ristom Rodrigues entrou para a equipe de Captação de Recursos como Analista de Sênior! Confira algumas das suas responsabilidades: Prospectará patrocinadores em potencial. Estudará o mercado de patrocínio e aplicará o conhecimento nas atividades desenvolvidas no dia a dia (Leis de Incentivo, Novas Práticas e Ferramentas de Captação de Recursos e etc.) Apoiará no desenvolvimento, implantação e acompanhamento de campanhas/ ferramentas voltadas à conquista de novos doadores; Colaborará com o desenvolvimento da política de investimento social. Participará de ações de captação de recursos de fontes diversificadas.

→ **Você pode falar com Janaina através do e-mail:**
juliane.rodrigues@theatromunicipal.org.br

PROGRAMAÇÃO



PRESENTE! PRESENCAS NEGRAS NO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

EXPOSIÇÃO

terça a sábado
10h às 18h

Atenção:
Não haverá visitação
nos dias 11, 12, 17, 18, 19,
20, 21, 22, 25 e 26/2.

CURADORIA PARTICIPATIVA

GRATUITO

classificação
indicativa **livre**

PRAÇA DAS ARTES –
SALA DE EXPOSIÇÕES

Com curadoria participativa coordenada pelo Núcleo de Acervo e Pesquisa do Theatro Municipal e expografia de Ricardo Muniz Fernandes, *Presente!* apresenta fragmentos da presença negra na história do Municipal por meio de documentos e itens dos nossos acervos. A exposição destaca artistas negros que compuseram uma vasta programação de música, dança, eventos cívicos e culturais no Theatro, de 1915 aos dias atuais, registrando também a memória de homens e mulheres negras que trabalharam e trabalham no Complexo Theatro Municipal.

QUARTETO
DE CORDAS
DA CIDADE
DE SÃO PAULO

MÚSICA BRASILEIRA

FEV 2023
16 quinta 20h

O Quarteto da Cidade – formado pelos violinistas Betina Stegmann e Nelson Rios, o violista Marcelo Jaffé e o violoncelista Rafael Cesario – dá início à sua programação de 2023. Na casa oficial do grupo, a Sala do Conservatório da Praça das Artes, apresentam obras dos compositores brasileiros Francisco Mignone (*Quarteto de Cordas n° 2*) e Heitor Villa-Lobos (*Quarteto de Cordas n° 13*).

INGRESSOS
R\$31,50

classificação
indicativa **livre**

duração **35 minutos**

PRAÇA DAS
ARTES – SALA DO
CONSERVATÓRIO



TEATRO
NO THEATRO



TEATRO
NO THEATRO

PARIS

FEV 2023
27 segunda 20h

Jorge Takla
direção

Paris é um “delírio onírico” de imagens, lembranças e emoções de algum momento no século passado, onde grandes artistas se encontravam na cidade luz, símbolo de cultura, criação e escândalos. Revolucionários? Colonizadores? Influenciadores? Gênios? Oportunistas? Talvez tudo isso ao mesmo tempo.

INGRESSOS
R\$12-32

classificação
indicativa **livre**

THEATRO MUNICIPAL –
SALA DE ESPETÁCULOS

COMUNICAÇÃO

Coordenadora

Elisabete Machado Soares dos Santos

Assessoria de imprensa

André Santa Rosa Lima

Laila Abou Mahmoud

Audiovisual

Larissa Lima da Paz

Stig de Lavor

Comunicação interna

Guilherme Dias

Conteúdo

Beatriz de Castro Ramos

Design

Karoline Marques

Winnie Affonso

Digital e redes sociais

Gustavo Quevedo

Tatiane de Sá

Aprendiz

Francielli Perpétuo

EXPEDIENTE DA PUBLICAÇÃO

Produção de Conteúdo

Elisabete Machado Soares dos Santos

Guilherme Dias

Design

Karoline Marques

Fotos

Stig de Lavor

Entrevista

Laila Abou Mahmoud

Revisão

Ciça Corrêa

